

INTERFACES ENTRE TEORIAS DA COMUNICAÇÃO, TRADIÇÃO RETÓRICA E ANÁLISE DE DISCURSO

ANA PAULA B. LEITÃO¹; NAYARA H. C. GÜERCIO²; SILVANA PENA DE SÁ³

Resumo

Estudar Teorias da Comunicação é adentrar por um caminho híbrido de reflexões. Robert Craig (1999) fez o esforço de sistematizar essas teorias em sete tradições, sendo uma delas a Retórica, ou arte da persuasão por meio de discurso. A Análise de Discurso (AD), por sua vez, é o estudo não apenas daquilo que é explicitamente posto no texto, mas é também daquilo que não é dito. Neste artigo, discutimos interfaces entre Teorias da Comunicação, a tradição Retórica proposta por Craig e conceitos-chaves da análise de discurso a partir da trajetória de três autores: Pêcheux, Foucault e Fairclough. As ADs, aplicadas aos produtos da Comunicação, permitem mapear práticas discursivas que reproduzem a realidade social, bem como identificar práticas em mutação, que são elementos importantes no estudo do jornalismo e das mudanças sociais.

Palavras-Chave: Comunicação; Teorias; Análise de Discurso; Tradição Retórica; Jornalismo.

1. A Retórica e as Teorias da Comunicação

Estudar Teorias da Comunicação é adentrar por um caminho de reflexões um tanto híbrido, cujo embate pode ser compreendido, segundo Robert Craig (1999), à luz do conceito de ‘incomensurabilidade de paradigmas’ proposto por Thomas Kuhn (2006). A incomensurabilidade pode ser entendida como a impossibilidade de comparar teorias, quando estas representam paradigmas objetivamente diferentes, com objetos, conceitos, questões e pressupostos próprios, os quais sinalizam visões de mundo distintas. Nesse sentido, tais teorias estariam simbolicamente separadas por abismos intransponíveis.

Segundo Craig (1999), as origens multidisciplinares dos estudos em Comunicação teriam sido o terreno fértil para a proliferação de abordagens disciplinares que não concordam nem discordam a respeito de qualquer coisa, mas sim, ignoram umas às outras. Esses “abismos” que dificultam o diálogo entre teorias seriam símbolo da incomensurabilidade de paradigmas presente no campo teórico da Comunicação.

Em um esforço para avançar nesses estudos, de uma posição de ‘ecletismo estéril’ para uma posição de ‘fragmentação produtiva’, Craig anuncia sete grandes tradições de estudos em

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília. Linha: Jornalismo e Sociedade. Orientadora: Profa. Dra. Liziane Guazina. E-mail: anapaulab.leitao@gmail.com

2 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília. Linha: Imagem, Som e Escrita. Orientadora: Profa. Dra. Tânia Siqueira Montoro. E-mail: guercio.nayara@gmail.com

3 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília. Linha: Jornalismo e Sociedade. Orientadora: Profa. Dra. Maria Jandyra Cavalcanti-Cunha. E-mail: silvana.pedesa@gmail.com

Comunicação⁴. O autor fornece pistas sobre de que forma tal elaboração teórica comporta as diversas teorias utilizadas nos estudos da Comunicação.

Uma das sete tradições, nomeada pelo teórico como Retórica e alvo de reflexões neste artigo, teria sido a principal fonte de ideias sobre a comunicação antes do século XX. A estruturação da retórica enquanto técnica se deu a partir de antigos sofistas e filósofos gregos. Nessa concepção mais originária, retórica seria “a arte prática do discurso”, especialmente, do discurso público. Em outras palavras, retórica seria a capacidade de persuadir o público, de convencê-lo de uma ideia ou ação, por meio de um discurso (CRAIG, 1999).

Roland Barthes (1975) contribui com as discussões ao traçar sete jornadas pelas quais a Retórica passou desde seu surgimento. Segundo o autor, a retórica, enquanto metalinguagem (discurso sobre o discurso), teve início no século V a.C. e reinou no Ocidente até o século XIX, nos contextos de Roma, Atenas e França.

O teórico esclarece que o nascimento da retórica está intimamente ligado ao processo de propriedade. Em meados de 485 a.C., dois sicílios tiranos teriam apelado à eloquência para convencer júris populares. “Essa eloquência, participando simultaneamente da democracia e da demagogia, do judiciário e do político (o que se chamou depois de deliberativo), transformou-se rapidamente em objeto de ensino” (BARTHES, 1975, p. 151). A retórica passa, então, a ser pensada e estruturada por sofistas e filósofos gregos como Platão e, posteriormente, Aristóteles, que escreve dois tratados importantes: *Techne rethorike* e *Techne poietike*.

Ainda segundo Barthes (1975), a retórica comportou várias práticas ao longo de sua história. Dentre elas, o autor cita a retórica enquanto: 1) uma técnica, ou seja, arte da persuasão; 2) um ensino transmitido por mestres e instituições; 3) uma ciência ou campo de saber autônomo que busca compreender os efeitos da linguagem e classificar esse fenômeno; 4) uma moral por consistir em um sistema de regras; 5) uma prática social adquirida por classes privilegiadas; e 6) uma prática lúdica realizada por estudantes em jogos, paródias e alusões obscenas (BARTHES, 1975, p. 148-149).

Se por um lado a tradição Retórica, ao longo dos seus mais de dois milênios, teria se ocupado das técnicas de aprimoramento do discurso com vista à persuasão, por outro lado, a discussão estendeu-se profundamente às reflexões sobre os lugares da lógica e da emoção em relação à persuasão. Também tem-se questionado se a retórica é inerentemente boa ou má, ou ainda uma ferramenta neutra (CRAIG, 1999).

Na Comunicação, um exemplo que dialoga com a perspectiva da retórica enquanto técnica de convencimento é a Retórica da Persuasão, por sua preocupação em estabelecer fatores para garantir uma organização ótima da mensagem, a fim de atender finalidades persuasivas (WOLF, 1999).

É importante ressaltar que no século XX, as reflexões acerca da retórica e do discurso ganham novos contornos, influenciadas pela psicanálise e pelo estruturalismo saussuriano. Um novo olhar

4 Tradição Retórica, Tradição Semiótica, Tradição Fenomenológica, Tradição Cibernética, Tradição Sócio-psicológica, Tradição Sócio-cultural e Tradição Crítica.

sobre a língua e a fala traduz-se em mudanças no pensamento científico, que passa a dar maior enfoque a esse caráter ilógico e opaco do discurso, cuja intencionalidade do emissor nem sempre se dá de forma clara, como se pressupõe na retórica.

Nesse contexto, surgem novas propostas para a análise de discurso que refletem concepções de mundo oriundas de teorias presentes na Psicologia, na Sociologia, na Linguística, entre outras disciplinas.

A proposta deste artigo é justamente se enveredar um pouco mais pelos caminhos da Análise de Discurso (AD), de modo a identificar e apontar possíveis contribuições para pesquisas nas Ciências Sociais, especialmente para o campo da Comunicação em suas diversas áreas, como o Jornalismo, a Publicidade e Propaganda e o Audiovisual.

Com o objetivo de situar essas discussões, resgatamos neste artigo conceitos e noções da AD propostos por Michel Pêcheux, Michel Foucault e Norman Fairclough, bem como momentos da trajetória de vida e de pensamento desses três autores. Contemporâneos, Pêcheux e Foucault são considerados por alguns autores integrantes e fundadores do que se convencionou chamar Escola Francesa da Análise de Discurso, enquanto Fairclough é situado na Escola Inglesa da Análise de Discurso.

Manhães (2012, p. 306) caracteriza a análise de discurso francesa pela ênfase no “assujeitamento do emissor”, que incorpora e expressa discursos sociais já instituídos; já a escola inglesa dá maior enfoque ao “papel ativo de sujeito”, identificando pedidos e ordens intencionais que o narrador formula para seus interlocutores.

2. Análise de Discurso Francesa: Pêcheux e Foucault

Michel Pêcheux e Michel Foucault, como mencionado, são autores de referência no que se convencionou chamar de Análise de Discurso de linha francesa, tendo servido de base para muitas pesquisas no âmbito das Ciências Sociais e influenciado estudos da Comunicação. Os dois teóricos – que iniciaram sua trajetória nos anos 1960 e faleceram na década de 1980 – travaram diálogos e confrontos acirrados dentro dessa proposta teórica que entrelaçou o estruturalismo, o marxismo e a psicanálise.

Ao se debruçar sobre os “diálogos e duelos” entre Foucault e Pêcheux, Maria Gregolin (2004) aponta para o solo epistemológico no qual floresceu a análise de discurso no final da década de 1950, sob forte influência do estruturalismo desenvolvido a partir de pensamento de Ferdinand Saussure (1916). O linguista propôs a separação entre fala e língua, sendo que esta consiste em um sistema estruturado depositado como produto social na mente de cada falante.

Apesar de terem sido contemporâneos e, nesse sentido, igualmente criadores dessa vertente conhecida como análise de discurso, o título de fundador tem sido constantemente atribuído ao filósofo francês Michel Pêcheux. O autor formulou e lançou uma proposta teórico-metodológica para analisar as significações produzidas por sujeitos através da língua em seu contexto sócio-histórico.

Michel Pêcheux iniciou na vida intelectual com dois textos – publicados em 1966 e 1968 e assinados sob o pseudônimo de Thomas Herbert – nos quais o autor aborda a epistemologia das ciências sociais e uma teoria geral das ideologias. Nesses livros, Pêcheux se baseia em releituras de Marx e da psicanálise de Freud, feitas respectivamente por Louis Althusser e Jacques Lacan (HENRY, 1990, p. 13-14). Nesse ínterim, Pêcheux publicou outros dois textos em 1967 e 1968, utilizando seu nome verdadeiro, em que trata das diferenças entre análise de conteúdo e análise de discurso.

Mas o primeiro livro que se tornou marco do pensamento de Pêcheux foi o *Analyse Automatique du Discours* (1969), no qual propõe um instrumento para a “Análise Automática do Discurso” (AAD), tendo a língua como base dos processos discursivos que, segundo o autor, precedem o sujeito:

O processo discursivo não tem, de direito, início: o discurso se conjuga sempre sobre um discurso prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima, e o orador sabe que quando *evoca* tal acontecimento, que já foi objeto de discurso, ressuscita no espírito dos ouvintes o discurso no qual este acontecimento era alegado, com as “deformações” que a situação presente introduz e da qual pode tirar partido (PÊCHEUX, 1990, p. 77).

Na obra, Pêcheux discorre também sobre o objeto da sociologia do discurso, que consiste em identificar as relações de força (exteriores ao discurso) e suas ligações com as relações de sentido manifestas em determinada estrutura social, de modo a compreender os enlaces entre as esferas socioeconômicas e ideológicas.

Anos mais tarde, em 1975, Pêcheux publica o livro *Les Vérités de la Palice*⁵, que serviu de base para o desenvolvimento de sua teoria materialista do discurso. Essa teoria propõe que o processo discursivo se desenvolve sobre a base linguística, inscrevendo-se em uma relação ideológica de classe (PÊCHEUX, 1988, p. 91 - 92).

O autor critica ainda a ilusão da evidência e da transparência de sentido nos discursos e reforça a ideia de sujeitos “assujeitados”, que reproduzem ideologias de forma inconsciente. É nesse segundo momento, entre 1975 e 1979, que ocorrem as maiores tensões entre Pêcheux e Foucault (GREGOLIN, 2004).

Um dos embates se dá em relação à luta teórica e ideológica. Conforme criticou o autor, não basta apenas fazer referências às condições de produção do discurso, é necessário sobretudo explicitar de que maneira as formações ideológicas de classes dominam as formações discursivas. Em relação a essas discussões, Pêcheux é categórico ao afirmar que Foucault “‘retrocede’ sobre o que ele mesmo avança, volta à sociologia das instituições e dos papéis, por não reconhecer a existência da luta (ideológica) de classes” (PÊCHEUX, 1988, p. 254).

Gregolin (2004) explica que, enquanto Pêcheux buscava construir “uma teoria materialista do discurso aliada a um projeto político de intervenção na luta de classes” (GREGOLIN, 2004, p. 53), Foucault se debruçava sobre problemáticas da História e da Filosofia a partir de diálogos e

⁵ A obra foi traduzida para o português por Eni Pulcinelli Orlandi [. . . et al] com o título “Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio”. A publicação da tradução é de 1988.

tensionamentos com argumentações da trilogia Nietzsche-Freud-Marx.

No entanto, é importante ressaltar que Pêcheux faz um movimento de desconstrução de seu próprio projeto teórico e de aproximação com teses foucaultianas entre 1980 e 1983, período em que o autor faz duras críticas à política e às posições derivadas da luta na teoria. (GREGOLIN, 2004, P. 64). Esse momento histórico, caracterizado pela crise das esquerdas francesas e por mudanças advindas da globalização e de novas relações no mundo do trabalho, levam Pêcheux a criticar a ideia de assujeitamento de sujeito e a conceituar o discurso como um fenômeno ligado à estrutura e ao acontecimento.

Nessa fase de sua vida e obra, Pêcheux destaca que o discurso está vinculado às redes de memórias e aos trajetos sociais, mas que “só por sua existência, todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos” (PÊCHEUX, 1990, p. 56), apontando para possibilidade de mobilidade e deslocamento de ideologias dominantes.

Assim como Michel Pêcheux, Michel Foucault também teve o discurso como cerne de suas reflexões acerca das relações entre os poderes e os saberes. Segundo aponta Gregolin (2004), “essa história, que envolve o poder e a produção de saberes, é percorrida, na obra foucaultiana, a partir de três modos de produção histórica das subjetividades” (GREGOLIN, 2004, p. 55). De acordo com a autora, o início da trajetória teórica de Foucault na década de 1960 consistiu em estudos sobre a história da loucura, da medicina e de certos campos do saber, a partir dos quais ele busca compreender a “arqueologia de saber”, bem como a objetivação do sujeito produzida por investigações que logram o estatuto de ciência.

Seguida a essa fase, Foucault (1970) parte para análise das relações entre os saberes e os poderes, traçando uma “genealogia do poder”, que se multiplica na forma de micro-poderes na sociedade. O teórico tentava compreender as relações entre discurso, saber e poder de forma a investigar a maneira com que esses elementos dialogam entre si, levando em consideração as especificidades de cada sociedade e, igualmente, de cada indivíduo. Para ele, os discursos não são produzidos e sustentados apenas pelo coletivo, mas também pelo singular.

Por fim, a terceira fase da obra de Foucault se envereda por outros caminhos, a partir dos quais o autor “investigou a subjetivação a partir de *técnicas de si*, da *governamentabilidade*, isto é, do governo de si e dos outros, orientando suas pesquisas na direção da sexualidade, da constituição histórica de uma *ética e estética de si*” (GREGOLIN, 2004, p. 55).

Ao contrário do que se possa imaginar, as reflexões de Foucault não são voltadas ao discurso enquanto linguagem - como o fazia Pêcheux, por exemplo - mas às potencialidades da “formação discursiva”⁶, ou seja, de que maneira os discursos existem, resistem e são disseminados pelos indivíduos e pela sociedade.

Segundo o autor, pensar os discursos é ultrapassar o binarismo. Para tanto, é necessário romper

6 Segundo Foucault *Apud* Maingueneau (1997, p.14), as práticas discursivas são “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época dada e para uma área social, econômica, geográfica ou lingüística dada, as condições de exercício da função enunciativa”.

a barreira das palavras e prestar igual atenção ao que não é dito. O silêncio também tem poder. Ocultar o saber e omitir verdades e opiniões é silenciar não apenas palavras, mas pessoas.

Não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discricção é exigida a uns e outros. Não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apóiam e atravessam os discursos (FOUCAULT, 1988, p. 29).

Em *A ordem do discurso* (FOUCAULT, 1970), o autor explica que o poder é atribuído àquela pessoa/entidade que consiga provar que de fato conhece a “verdade”. Mas como seria possível saber quem detém tão almejada e restrita verdade?

Para Foucault (1970), obter essa resposta seria viável por intermédio de procedimentos de exclusão. Segundo o autor, existem três grandes sistemas de exclusão que atingem o discurso: 1) a palavra proibida; 2) a segregação da loucura e 3) a vontade de verdade. No caso da segregação da loucura, o sistema de exclusão se dá por meio da separação e da rejeição. Em primeiro lugar, é necessário separar os lugares de fala e, posteriormente, rejeitar aqueles que não se enquadram nos padrões reconhecidos e sustentados pela sociedade.

Para exemplificar tal questão, o autor discorre sobre os médicos e os loucos. O médico tem o aval da sociedade para estudar, refletir, diagnosticar e, por fim, discursar a respeito da saúde de um paciente a quem é atribuída uma doença mental. Já o próprio paciente, por ter sido segregado do grupo em que as ditas verdades são encontradas e assentidas, é rejeitado, sua voz é emudecida e, conseqüentemente, seu discurso tem valor algum e tampouco poder. De um lado da equação estão os indivíduos esclarecidos, racionais, científicos, o que os confere a posição de dominantes. Do outro lado, os indivíduos insanos, irracionais, delinquentes, o que os reduz a excluídos.

Nesse momento, podemos apontar o procedimento de “vontade de verdade”, em que o discurso considerado verdadeiro é almejado. Por desempenhar um poder de coerção sobre os outros, o discurso o qual detém o “selo” da verdade possui autorização para existir e legitimação para permanecer. Essa cisão entre quem dispõe do discurso verdadeiro e quem conserva o discurso falso suscitou a ânsia por saber.

Para o filósofo, conscientizar-se das amarras e dos processos de exclusão aos quais os indivíduos, as categorias ou as classes estão submetidas é o primeiro passo para rompê-las. Isso não implica em uma automática subversão do sistema ou tampouco em uma imunização perante os efeitos dos discursos, mas, no mínimo, significa munir-se de saber, ou seja, reduzir o poder do desconhecido e do silêncio. Dessa forma, o indivíduo tem a possibilidade de começar a questionar, com mais propriedade e eficácia, as “verdades” nas quais é induzido a crer e a seguir.

Como mencionado anteriormente, apesar de Foucault (1970) não pensar a análise de discurso sob o viés do estudo da linguagem, mais adiante, ele nos revela que aquele que for hábil em produzir um discurso eloquente o faz, também, por ser capaz de transformar a linguagem em sua aliada,

utilizando-a como instrumento de separação, rejeição, manipulação e, por fim, dominação.

Podemos inferir que a importância atribuída aos discursos passou a ser avaliada não apenas pela posição/*status* dos discursadores, mas igualmente pela sua coerência e pela sua capacidade de convencimento. Foucault (1970) esclarece:

[...] o discurso - como a psicanálise nos mostrou - não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que - isto a história não cessa de nos ensinar - o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (FOUCAULT, 1970, p. 10).

Assim, é possível perceber que os discursos não são o reflexo das disputas por dominação e poder, mas também o poder em si. Estes poderes são exercidos, em grande parte, de maneira opaca, sutil, ou até mesmo invisível, o que configura enorme perigo aos indivíduos, categorias ou classes submetidas a eles.

3. Análise de Discurso Inglesa: Norman Fairclough

Norman Fairclough⁷ é considerado um dos principais pensadores da Análise de Discurso Crítica (ADC) que, segundo Isabel Magalhães (2005), teria inspiração na Linguística Crítica (LC) desenvolvida na década de 1970, na Universidade de East Anglia, Grã-Bretanha, por um grupo de pesquisadores da linguagem que se interessavam pela relação entre o estudo do texto e os conceitos de poder e ideologia⁸.

A ADC surge na década de 1980, quando outros estudiosos se dedicaram ao desenvolvimento da abordagem da LC, dentre eles, Fairclough, Wodak e Van-dijk. Porém, as abordagens seguiram caminhos diferentes: enquanto a LC desenvolveu um método para analisar uma pequena amostra de textos, a ADC se propôs a um estudo da linguagem como prática social, com foco em investigar as transformações na vida social contemporânea (MAGALHÃES, 2005).

Pertencente ao que se convencionou chamar de Análise do Discurso de linha Inglesa/Anglo-saxã, a ADC é um esforço de síntese entre teoria social e estudos linguísticos. Segundo o Fairclough (2008), as tentativas anteriores da mencionada síntese tiveram sucesso limitado.

Sobre a Linguística Crítica, o pesquisador afirma que apesar de a análise linguística estar bem desenvolvida, a abordagem delega pouco espaço à teoria social, pois conceitos como ideologia e poder são usados “com pouca discussão ou explicação”. Quanto à proposta de Pêcheux, o autor afirma que embora a “teoria social seja mais sofisticada, a análise linguística é tratada em termos semânticos muito estreitos” (FAIRCLOUGH, 2008, p. 20).

Apesar das reconhecidas contribuições, além das limitações citadas, Fairclough destaca que

⁷ Norman Fairclough é linguísta e professor emérito da Universidade de Lancaster. Entre suas principais obras estão: *Analysing discourse: Textual analysis for social research* (2003); *Discurso e mudança social* (1992); *Media discourse* (1995); *Critical discourse analysis: the critical study of language* (1995).

⁸ Um marco da LC teria sido a publicação, em 1979, da obra *Language and Control* (Linguagem e Controle), pelos pesquisadores Fowler, Kress, Hodge, e Trew, que teve significativa repercussão entre linguístas da época.

ambas as abordagens deixam a desejar na discussão da mudança social, por basearem-se em uma:

(...) visão bastante estática das relações de poder, com ênfase exagerada no papel desempenhado pelo amoldamento ideológico dos textos linguísticos na reprodução das relações de poder existentes, prestando pouca atenção à luta e à transformação nas relações de poder e ao papel da linguagem aí”(FAIRCLOUGH, 2008, p. 20).

Justamente em um esforço de superação dessas limitações, Fairclough formula uma Análise do Discurso Textualmente Orientada (ADTO), a qual nomeia Teoria Social do Discurso. A ADTO é apresentada na obra *Discurso e Mudança Social* (2008) e se configura como uma abordagem de análise linguística cuja proposta é ser útil aos estudos de mudança social, cultural e da linguagem. A proposta de Fairclough pretendia ser diferente das anteriores por analisar em profundidade não só o papel da linguagem na reprodução das práticas sociais e das ideologias, mas também seu papel fundamental na transformação social.

Na obra citada, Fairclough dedica um capítulo inteiro a observar contribuições de Foucault à análise do discurso, as quais resume no seguinte conjunto de afirmações: 1) o discurso constitui o social, os objetos e os sujeitos sociais (natureza constitutiva do discurso); 2) qualquer prática discursiva é definida por suas relações com outras e recorre a outras de forma complexa (primazia da interdiscursividade e da intertextualidade); 3) a luta por poder ocorre tanto no discurso quanto subjacente a ele (natureza política do discurso) e 4) as práticas discursivas em mutação são um elemento importante na mudança social (natureza discursiva da mudança social) (FAIRCLOUGH, 2016, p. 85).

Embora a AD de Foucault seja uma abordagem mais abstrata, que não inclui a análise discursiva e linguística de textos reais, Fairclough busca incorporar o conjunto de hipóteses teóricas (citado anteriormente) à ADTO, formulando uma concepção tridimensional do discurso que busca reunir três tradições analíticas: a tradição de análise textual e linguística, da Linguística; a tradição macrossociológica de análise da prática social em relação às estruturas; e a tradição microsociológica, que considera “a prática social como alguma coisa que as pessoas produzem ativamente e entendem com base em procedimentos de senso comum partilhados” (FAIRCLOUGH, 2008, p. 100). Inspirada na reunião dessas três tradições, a concepção tridimensional do discurso se propõe a analisar combinadamente o texto, a prática discursiva e a prática social.

Segundo Magalhães (2005), o método elaborado por Fairclough tem sido uma disciplina de destaque internacional pelas contribuições oferecidas ao campo da pesquisa crítica sobre a modernidade. Sua teoria fornece subsídios para a compreensão das transformações econômicas e socioculturais das últimas décadas, especialmente aquelas relacionadas ao avanços na tecnologia da informação e na mídia, que permitiram livre circulação nos limites temporais e espaciais. Para a pesquisadora, a principal contribuição de Fairclough teria sido criar um método para o estudo do discurso e, somado a isso, seu esforço para explicar por que cientistas sociais e estudiosos da mídia precisam dos linguistas.

5. Considerações finais

Diante dessas abordagens da análise de discurso, cabe portanto a reflexão sobre a resignificação da retórica nos estudos sociais. Ao que parece, “a arte prática do discurso” manteve sua importância, agora combinada a métodos que investigam o discurso não só para seu aprimoramento com fim persuasivo, mas especialmente para uma reflexão crítica sobre suas intencionalidades não evidentes e seu papel na sociedade.

Compreendemos, portanto, que a análise de discurso é uma proposta teórica-metodológica enriquecedora para estudos das Ciências Sociais, em especial para o campo da Comunicação, por oferecer subsídios que possibilitam a compreensão de retóricas implícitas e de discursos presentes em produtos da atividade jornalística.

Tendo em vista reflexões de Orlandi (2003) e de Foucault (1970), percebemos que as relações de poder estão intimamente ligadas ao social e, muitas vezes, são manifestadas por meio da linguagem. As verdades podem, de fato, tender ao infinito, mas só serão consideradas legítimas caso sejam validadas por indivíduos ou classes que alcançaram o *status* de “especialista”, ou seja, por alguém que ocupa um lugar de autoridade, que lhe permita conservar a chancela da(s) verdade(s).

Na prática social do Jornalismo, esses especialistas ou autoridades são frequentemente “definidores primários” das notícias (HALL, 2003, p.75). Consideradas credenciadas, essas fontes (como é o caso da polícia, do judiciário, entre outros) tendem a perpetuar o pensamento de estruturas existentes de poder, contribuindo para a forte presença do discurso de elites dominantes nas narrativas jornalísticas.

Segundo Bennetti (2010), nos estudos do jornalismo a Análise de Discurso é produtiva especialmente para mapear vozes e identificar sentidos produzidos. A AD também permite investigar a partir da linguagem (texto, imagem e som) interpretações de realidades possíveis, bem como ideologias presentes nas entrelinhas dos discursos.

Como foi posto por Fairclough (2008), a análise de discurso permite ainda identificar os movimentos de mudança social, pois da mesma forma que estruturas hegemônicas são reproduzidas pela via do discurso, os embates e transformações sociais também ganham materialidade nele. Ou seja, assim como o discurso é moldado pela estrutura social, também é constitutivo da mesma, tanto no aspecto da reprodução das práticas sociais e das ideologias, quanto no aspecto da mudança social. Discurso também é ação.

Assim, aplicada aos produtos da Comunicação, as ADs de linha francesa e inglesa permitem mapear práticas discursivas que reproduzem a realidade social, bem como identificar práticas discursivas em mutação, que são elementos importante no estudo da mudança social.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **A retórica antiga**. In Pesquisas de Retórica. COHEN, Jean, BRE-MOND, Claude, Grupo u, KUENTZ, Pierre & GENETTE, Gerard (orgs). Seleção de Ensaio da Revista "Communications". Coleção Novas Perspectivas em Comunicação / 10. Petrópolis: Vozes, 1975.

CLARKE, John; HALL, Stuart; JEFFERSON, Tony; ROBERTS, Brian. **Subcultures, Cultures and Class**, In: JEFFERSON, Tony. (orgs.). Resistance Through Rituals: youth subcultures in post-war Britain. London: Routledge Taylor & Francis e-Library, 2003.

CRAIG, Robert T. **Communication theory as a field**. Communication Theory, 9(2), 1999, pp.119-161.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social / Norman Fairclough**; Izabel Magalhães, coordenadora de tradução, revisão técnica e prefácio. - Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2001, 2008 (reimpressão).

_____. **Discurso e Mudança Social / Norman Fairclough**. 2. Ed. - Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2016.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo. Ed. Loyola, 1970.

_____. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 16 ed. Tradução Maria T. C. Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GREGOLIN, Maria de Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise de discurso: diálogos & duelos**. São Carlos: ClaraLuz, 2004.

HOHLFELDT, Antonio. MARTINO, Luiz C. FRANÇA, Vera V. **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. (organizadores) Antonio Hohlfeldt, Luiz C. Martino, Vera Veiga França. 10. Ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2010.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

MAGALHÃES, Izabel. **Introdução: a análise de discurso crítica**. DELTA [online]. 2005, vol.21, n.spe, pp.1-9. ISSN 0102-4450. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502005000300002>>. Acesso: 03/07/2016.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Campinas, SP: Pontes, 1997.

MANHÃES, Eduardo. **Análise de Discurso**. In Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. DUARTE, Jorge & BARROS, Antonio (orgs.). 2a ed. São Paulo: Editora Atlas, 2012, p. 305-315.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 5 ed. Campinas: Pontes, 2003.

_____. **Discurso e leitura**. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. ORLANDI, Eni Pulcinelli ... [et al]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

_____. **Análise Automática do Discurso (AAD-69)**. In: Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. GARDET, Françoise & HAK, Tony (orgs.). Trad. MARIANI, Behania S. ... [et al]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

_____. **O discurso: Estrutura ou Acontecimento.** Trad. ORLANDI, Eni Pulcinelli. Campinas, SP: Pontes, 1990.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação.** 5.ed. Lisboa: Presença, 1999.